



## ANÁLISE DO DESENHO “SUPER CHOQUE”: A CULTURA POPULAR NO COMBATE AO RACISMO

NILVO LOPES DA ROSA JUNIOR<sup>1</sup>;  
CLÁUDIA MARIZA MATTOS BRANDÃO<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas (CA/UFPeI) – albuquerqueledes18@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas (CA/UFPeI) – attos@vetorial.net

### INTRODUÇÃO

Educação é uma palavra que nos remete a um espaço de conhecimento o qual permite o desenvolvimento de pensamentos, questionamentos e inquietações. Quando pensamos nesse espaço de reflexão logo associamos à escola, pois ela tem um papel fundamental na formação dos estudantes. Nesse contexto, disciplinas como Artes e Filosofia são fundamentais, pois estão diretamente ligadas ao desenvolvimento de pensamentos críticos acerca do contexto vivencial de cada pessoa. Unem-se a essas, outras que estruturam o pensamento científico e a consequente criação de diversas ferramentas que hoje possibilitam diálogos/trocas mais eficientes através das novas tecnologias da informação e comunicação e seus produtos. Segundo Irene Tourinho (2011, p. 5), “Estas formas de interação transformaram a relação dos indivíduos consigo mesmos e com o mundo. Transformaram, também, formas de aprender e ensinar, exigindo a realização de constantes e múltiplas re-descrições e interpretações”.

Logo, o que pode ser considerada uma ferramenta para entretenimento também tem potencial como meio pedagógico e formador, reproduzindo e produzindo novas narrativas mais críticas sobre o mundo, como por exemplo o desenho infantil. O desenho animado é um meio através do qual diversos personagens protagonizam suas narrativas, de acordo com a perspectiva do autor. Entretanto, o professor pode utilizar esses personagens como recurso em sala de aula para abordar assuntos específicos, a fim de possibilitar novas formas de aprendizagem estimuladoras de questionamentos, conectando-se com uma linguagem mais interativa para abordar temas relevantes para a formação intelectual dos estudantes.

Este texto resulta de pesquisas e práticas desenvolvidas no âmbito do PhotoGraphein – Núcleo de Pesquisa em Fotografia e Educação (UFPeI/CNPq), focado nas imagens e seus potenciais comunicativos, relativo à bolsa PBIP-AF/UFPeI.

### METODOLOGIA

A metodologia deste resumo expandido foi realizado durante minha experiência como bolsista do projeto de pesquisa do PhotoGraphein, no qual usamos a fotografia como uma potência de exploração do imaginário afim de questionar o senso crítico através de imagens. Este trabalho também nasceu de experiências que tive anteriormente como aluno na escola pública de Pelotas acompanhando a escola como um espaço de discussão e aprendizado assim como as necessidades de falar sobre temas como o racismo e a



representatividade. Por esta razão, trouxe neste texto uma análise da série animada “Super Choque”, a fim de levar para o contexto escolar uma forma de dialogar com os alunos com o intuito de proporcionar o olhar crítico através do consumo destas imagens de forma consciente.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante destas inquietações, o referido projeto me possibilitou, estudante e futuro professor, entender a potência das imagens, para o desvelamento da realidade e um espaço para dialogar com as imagens da cultura popular consumidas, assim como suas possibilidades pedagógicas em a sala de aula. Estudos esses, que subsidiarão um curso de formação continuada a ser oferecido através do projeto.

Nos anos primários da escola é explícita a forma como as crianças se comparam umas às outras. O *bullying* com o cabelo crespo está presente na vida de crianças pretas desde os primeiros anos de suas vidas, muitas vezes se questionando se o seu cabelo é de fato “ruim” porque alguém falou. Quando o aluno percebe que é diferente dos demais, procura aproximação naquilo que é “belo” valorizado pelos outros e, muitas vezes, abdica de sua própria identidade para moldar-se a padrões estéticos que não é os seus, com alisamentos, clareamentos de pele, o que pode ocasionar um repúdio a sua própria identidade, como afirma Ana Célia da Silva (2005, p. 31):

As denominações e associações negativas em relação à cor preta podem levar as crianças negras, por associação, a sentirem horror à sua pele negra, procurando várias formas de literalmente se verem livres dela, procurando a “salvação” no branqueamento.

É importante perceber que as relações que os alunos pretos têm na escola com os livros didáticos também é problemática, pois só veem o seu povo escravizado, assim como também acontece com os indígenas. Segundo Kabengele Munanga (2005, p. 16) “Todos, ou pelo menos os educadores conscientes, sabem que a história da população negra quando é contada no livro didático é apresentada apenas do ponto de vista do “Outro” e seguindo uma ótica humilhante e pouco humana”. Esta percepção é importante, pois levanta o questionamento do preto ser tratado apenas como escravizado e não tem uma visão de representante ou herói para se inspirar, por esta razão, trago o super-herói “Super Choque” para destacar a visão de um herói preto.

Virgil Hawkins, um adolescente negro que reside na cidade fictícia de Dakota e ganha poderes de eletromagnetismo após o disparo de uma arma ocasionar a explosão de gases tóxicos, em função de uma briga de gangues. No episódio 8 da série, chamado Filhos dos Pais, Virgil vai à casa de seu melhor amigo Richie, lá ele não é bem recebido pelo seu pai, e em uma cena é possível perceber que ele não gosta de Virgil pelo fato dele ser negro. Podemos perceber que de uma perspectiva mais aguçada, para além do imaginário infantil que a série proporciona, como a presença de super poderes, também podemos problematizar e perceber que esta série dialoga com a vida real em vários aspectos. Ela problematiza diversas questões de convívio em sociedade, como o racismo e a importância da amizade em momentos difíceis da vida. No episódio 29, “Super Choque na África” onde ele conhece um outro herói preto, o Anansi,



esses personagens dialogam e uma das falas de Virgil chama a atenção: “*Na África eu não sou um garoto negro. Sou só um garoto. Deve ser assim que você se sente todos os dias, não é?*”. Segundo Lúcia Santaella (2005, p. 12)

[...] dessa mistura de meios e linguagens resultam experiências sensorio-perceptivas ricas para o receptor. Mas, ao mesmo tempo, a mistura atinge um dos alvos a que os meios de massa aspiram: a facilitação da comunicação, pois o significado de uma imagem pode ser reforçado pelo diálogo e pela música que a acompanha.

O início da pesquisa deu-se em julho, quando ingressei como bolsista de pesquisa, logo ele ainda não possui resultados pois iniciou-se junto a pandemia e não é possível ir à sala de aula para executá-lo, mas estamos o avaliando para que seja levado para a escola, mesmo que seja de maneira remota. Além disso, o conteúdo integrará o planejamento de um curso de formação continuada, a ser oferecido até o final de 2020.

## CONCLUSÕES

Este texto aborda questões relativas à repercussão de um herói preto no desenho animado “Super Choque”, exibido na televisão, e suas reverberações positivas no sentido da representatividade para crianças negras. Destaca também a importância do resgate de memórias, da história de vida, do futuro professor para o planejamento de conteúdos e práticas pedagógicas a serem desenvolvidos. De acordo com Belidson Dias (2011, p. 12), “É importante destacar que a educação da cultura visual, como projeto pedagógico, situa questões, institui problemas e visualiza possibilidades para a educação em geral”.

A abordagem da cultura popular, no caso aqui discutido, o desenho animado, viabiliza discussões em sala de aula que, assim como o exemplo citado do “Super Choque”, possibilita refletir sobre a pluralidade de cores que nosso país tem. Abordar um personagem com o qual as crianças se identificarão e terão a oportunidade de se inspirar é importante.

Super Choque foi o primeiro herói negro a ter uma série animada, e este feito foi no ano 2000, apenas há 20 anos, e integra as referências que trago da infância. Através da discussão desenvolvida, é possível notar que a falta de representatividade ainda é presente e nos leva a questionar os privilégios que o povo branco ainda tem, acarretando problemas que afetam sobremaneira o povo preto e também os indígenas.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

TOURINHO, Irene. Ver e ser visto na contemporaneidade: as experiências do ver e ser visto na contemporaneidade: por que a escola deve lidar com isso? In: IFRN. **Cultura Visual e Escola**. Rio de Janeiro, 2011. Online. Disponível em: <https://docente.ifrn.edu.br/isabeldantas/festa-e-ludicidade/arte-educacao/imagem-identidade-e-escola.-martins-raimundo>

DIAS, Belidson. Cotidiano, prática escolar e visualidades: O cotidiano espetacular e as práticas pedagógicas críticas In: IFRN. **Cultura Visual e Escola**. Rio de



Janeiro, 2011. Online, Disponível em:  
<https://docente.ifrn.edu.br/isabeldantas/festa-e-ludicidade/arte-educacao/imagem-identidade-e-escola.-martins-raimundo>

MUNANGA, Kabengele. **Superando o Racismo na Escola**. Brasília: Ministério da Educação - Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. 2005.

SANTAELLA, Lucia, **Por que comunicações e as artes estão convergindo?** Editora PAULUS, São Paulo, 2005.

SILVA, Ana Celia da. A Desconstrução da Discriminação no Livro Didático. In: MUNANGA, Kapengele, **Superando o Racismo na Escola**. Brasília: Ministério da Educação - Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. Cap 1, p 31.